ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

O ERRO

SÉRIE OFF-CAMPUS

TOP SELLER

NO AMOR, RECUPERAR DE UMA MÁ JOGADA NEM SEMPRE É FÁCIL.

1

Logan

Abril

Desejar a namorada do melhor amigo é uma merda.

Em primeiro lugar, há o fator desconforto. E é mesmo desconfortável. Não posso falar por todos os homens, mas tenho a certeza de que não há gajo nenhum que goste de sair do quarto e encontrar a miúda dos seus sonhos depois de ela acabar de passar a noite nos braços do seu melhor amigo.

Depois, há o elemento da autoaversão. Este é garantido, porque é um bocado difícil não nos odiarmos quando temos fantasias com o amor da vida do nosso melhor amigo.

Neste momento, é o desconforto que está, sem dúvida nenhuma, a vencer. É preciso perceber: vivo numa casa com paredes muito finas, o que significa que consigo ouvir cada gemido rouco que se escapa da boca da Hannah. Cada arfar, cada suspiro. Cada pancada da cabeceira da cama contra a parede, enquanto outro tipo faz amor com a miúda em quem não consigo parar de pensar. Maravilhoso.

Estou na minha cama, deitado de barriga para cima e a olhar para o teto. Já nem sequer finjo percorrer a minha lista de músicas. Enfiei os auriculares, tencionando abafar os sons do Garrett e da Hannah no outro quarto, mas ainda não carreguei no *play*. Suponho que me apetece torturar-me esta noite.

Claro, eu não sou idiota. Sei que ela está apaixonada pelo Garrett. Vejo a maneira como olha para ele, vejo a maneira como estão juntos. Já namoram há seis meses, e nem mesmo eu, o pior amigo do planeta, posso negar que são perfeitos um para o outro.

E, que diabo, o Garrett merece ser feliz. Finge-se de arrogante e convencido, mas a verdade é que é um santo. O melhor central com quem já joguei e a melhor pessoa que conheço, e estou suficientemente seguro do meu estatuto heterossexual para dizer que, se jogasse pela outra equipa? Não só iria para a cama com o Garrett Graham, como me *casaria* com ele.

É isso que torna as coisas um trilião de vezes mais difíceis. Nem sequer consigo odiar o tipo que anda com a miúda que eu quero. Não posso alimentar fantasias de vingança, porque eu não odeio o Garrett. Nem um pouco, sequer.

Ouço o ranger de uma porta a abrir e passos no corredor, e rezo a Deus para que nem o Garrett nem a Hannah me venham bater à porta. O melhor é que nem abram a boca, já agora, porque ouvir as vozes deles, neste momento, só me vai deixar ainda mais lixado.

Por sorte, a sonora pancada na minha porta vem do meu outro colega de apartamento, o Dean, que entra alegremente sem esperar por um convite.

— Festa na Omega Phi, esta noite. Alinhas?

Salto da cama mais depressa do que se conseguiria dizer *patético*, porque uma festa parece-me uma ideia absolutamente fantástica, neste momento. Embebedar-me é uma forma segura de me impedir de pensar na Hannah. Na verdade, não — eu quero apanhar uma piela *e* comer uma miúda. Dessa forma, se uma das atividades não me ajudar com o meu objetivo de «não pensar na Hannah», a outra pode servir como plano B.

— Se alinho! — respondo, já à procura de uma camisa.

Enfio uma t-shirt limpa por cima da cabeça e ignoro a alfinetada de dor no meu braço esquerdo, que ainda me dói como o raio, do tremendo encontrão que levei no jogo da semana passada. Mas valeu a pena: pelo terceiro ano consecutivo, a equipa de hóquei no

gelo da Briar assegurou outra vitória no Frozen Four. Suponho que o possamos considerar o perfeito *hat-trick*, e todos os jogadores, eu incluído, ainda continuamos a colher as recompensas de sermos tri-campeões nacionais.

O Dean, um dos meus colegas na defesa, diz que a nossa vitória nos assegura três vantagens: festas, louvor e miúdas com fartura.

É uma excelente avaliação da situação, já que tenho sido grande beneficiário das três coisas desde a nossa grande vitória.

— Vais ser o condutor da noite? — pergunto, enquanto enfio um casaco com capuz por cima da t-shirt e puxo o fecho para cima.

O meu amigo solta um ronco trocista.

— Estás a falar a sério?

Reviro os olhos.

— Pois. Onde é que eu tinha a cabeça?

A última vez que o Dean Heyward-Di Laurentis esteve sóbrio numa festa foi *nunca*. O tipo bebe como um peixe e apanha mocas de cada vez que sai de casa, e se alguém julga que isso afeta o seu desempenho no gelo está muito enganado. É uma daquelas raras criaturas que conseguem andar na borga como o Robert Downey Jr. do passado e, mesmo assim, serem bem-sucedidas e adoradas como o Robert Downey Jr. do presente

— Não te preocupes, o Tuck conduz — diz-me o Dean, referindo-se ao nosso outro colega, o Tucker. — O gajo ainda está ressacado de ontem à noite. Diz que precisa de uma pausa.

Sim, não o posso censurar. Os treinos só recomeçam dentro de um par de semanas e temos estado todos a divertir-nos um pouco a mais para compensar. Mas é o que acontece quando se está com a excitação da vitória do Frozen Four. No ano passado, depois de ganharmos, fiquei bêbedo durante duas semanas seguidas.

Não estou demasiado ansioso com a pré-temporada. Todo o trabalho de força e condicionamento que nos é exigido para ficarmos em forma é esgotante, mas torna-se ainda mais esgotante quando se está a fazer turnos de dez horas ao mesmo tempo. Mas não tenho opção. Os treinos de preparação são necessários para a próxima época,

e o trabalho, bem, fiz uma promessa ao meu irmão, e por mais voltas que isso me dê ao estômago, não posso voltar atrás. O Jeff esfola-me vivo se eu não cumprir a minha parte do acordo.

Quando eu e o Dean descemos, o nosso condutor de serviço já está à porta, à espera. Uma barba castanho-avermelhada devora todo o rosto do Tucker, dando-lhe um ar de lobisomem, mas ele está disposto a experimentar aquele novo visual desde que uma miúda que conheceu numa festa, na semana passada, lhe disse que tinha cara de bebé.

— Sabes que essa barba de abominável homem das neves não te torna mais másculo, não sabes? — diz o Dean com jovialidade quando saímos pela porta.

O Tuck encolhe os ombros.

— Por acaso, era mais um estilo rústico.

Rio-me.

— Bem, olha que não pareces nem uma coisa nem outra, Cara de Bebé. Pareces mais um cientista maluco.

Ele mostra-me o dedo do meio enquanto se dirige para o lado do condutor da minha carrinha. Instalo-me no banco do pendura enquanto o Dean sobe para a caixa aberta, dizendo que quer apanhar ar fresco. Acho que, na verdade, só quer que o vento lhe despenteie o cabelo daquela maneira sensual que deixa as miúdas todas molhadas. Informação: o Dean é nauseantemente vaidoso. Mas também parece um modelo, por isso talvez tenha o direito de ser vaidoso.

O Tucker liga o motor e eu começo a tamborilar com os dedos nas coxas, ansioso por me ver a caminho. Muitos dos estudantes das repúblicas irritam-me com as suas atitudes elitistas, mas não me importo de fazer vista grossa a isso porque... bem, porque se a organização de festas fosse um desporto olímpico, cada república na Briar teria uma medalha de ouro.

Quando o Tuck faz marcha-atrás para sair da estrada de acesso, o meu olhar desvia-se para o jipe do Garrett, todo polido no seu lugar de estacionamento, enquanto o dono passa a noite com a miúda mais fixe do planeta e...

E *chega*. Esta obsessão com a Hannah Wells está mesmo a começar a dar-me a volta ao miolo.

Preciso de dar uma queca. Já.

O Tucker está vincadamente calado durante o percurso para a Omega Phi. Também pode estar de sobrolho franzido, mas é difícil de perceber, tendo em conta que alguém rapou todo o pelo corporal do Hugh Jackman e o colou na cara do Tuck.

— Então, não dizes nada? — pergunto, num tom jovial.

O seu olhar desvia-se para me oferecer uma expressão azeda e depois volta para a estrada.

— Oh, vá lá. Isto é só por andarmos a meter-nos contigo por causa da barba? — pergunto, exasperado. — Porque isto vem no primeiro capítulo do *Barbas para Totós*, meu: se deixas crescer uma barba de lenhador, os teus amigos vão gozar contigo. Fim do capítulo.

— Não é por causa da barba — balbucia ele.

Franzo a testa.

— Pronto. Mas *estás* chateado com alguma coisa. — Quando ele não responde, insisto um pouco mais. — O que é que se passa contigo?

O seu olhar aborrecido encontra o meu.

— Comigo? Nada. *Contigo?* Tanta coisa que nem sei por onde começar. — Ele pragueja baixinho. — Tens de parar com essa merda, meu.

Agora estou genuinamente confuso, porque, tanto quanto sei, a única coisa que fiz nos últimos minutos foi estar ansioso pela festa.

O Tucker repara na confusão no meu rosto e esclarece com um tom sombrio.

— Esta coisa com a Hannah.

Embora os meus ombros se contraiam, faço um esforço por manter uma expressão vaga.

— Não faço ideia do que estás a falar.

Sim, optei por mentir. O que não é nada de novo para mim, na verdade. Acho que a única coisa que tenho feito desde que vim para a Briar é mentir.

Claro que estou destinado à National Hockey League. Só quero jogar como profissional!

Adoro passar o verão a trabalhar na oficina do meu pai. Dá uns trocos fixes!

Não estou apaixonado pela Hannah. É a namorada do meu melhor amigo!

Mentiras, mentiras e mais mentiras, porque, em cada um destes casos, a verdade é uma autêntica porcaria, e a última coisa que quero é que os meus amigos e colegas de equipa tenham pena de mim.

— Guarda as tretas para o Garrett — replica o Tucker. — E já agora. Tens sorte por ele andar distraído com aquela bolha romântica em que vive, porque, se não fosse isso... De certeza que ia reparar na maneira como te tens andado a comportar.

— Sim, e que maneira é essa? — Não consigo evitar o tom nervoso nem o defensivo contrair do maxilar. Detesto que o Tucker saiba que gosto da Hannah. Detesto ainda mais que tenha decidido finalmente abordar o assunto, ao fim de todos estes meses. Porque é que não me deixa em paz? A situação já é suficientemente merdosa sem ter alguém a chamar-me a atenção para ela.

— A sério? Queres mesmo que te faça uma lista? Está bem. — Uma sombra negra flutua nos seus olhos enquanto ele começa a recitar todas as coisas com as quais já me sinto tão culpado. — Sais da sala sempre que eles os dois entram. Escondes-te no quarto quando ela passa cá a noite. Se estão na mesma sala, ficas a olhar para ela quando pensas que ninguém está a ver. Fazes...

— Está bem — interrompo. — Já percebi.

— E nem me faças falar do facto de andares com montes de miúdas — resmunga o Tucker. — Sempre foste um engatatão, mas, meu, foste para a cama com cinco miúdas esta semana.

— E?

— E é só quinta-feira. Cinco miúdas em quatro dias. Faz as contas, John.

Oh, merda. Tratou-me pelo meu primeiro nome. O Tucker só me chama John quando o deixo *mesmo* lixado. Só que agora ele também

me deixou mesmo lixado, por isso trato-o igualmente pelo nome próprio.

— E qual é o mal, *John*?

Sim, temos o mesmo nome. Se calhar devíamos fazer um juramento de sangue e formar um clube ou coisa do género.

— Tenho 21 anos — continuo, irritado. — Estou autorizado a curtir. Não, eu devo *mesmo* andar a curtir, porque é isso que se faz na faculdade. Divertimo-nos, temos sexo e passamos um bom bocado antes de entrarmos no mundo real e a nossa vida se transformar numa merda.

— Queres mesmo fingir que andas com uma miúda por dia porque estás numa espécie de rito de passagem na experiência universitária? — O Tucker abana a cabeça, depois solta um suspiro e suaviza o tom de voz. — Não é andando a pinar a torto e a direito que vais conseguir tirá-la da cabeça, meu. Podes dormir com cem mulheres esta noite, que isso não faria qualquer diferença. Tens de aceitar que não vai acontecer com a Hannah e seguir em frente.

Ele tem toda a razão. Tenho a absoluta consciência de andar a chafurdar nas minhas próprias merdas e a comer miúdas a torto e a direito como distração.

E estou igualmente consciente de que preciso de parar de tentar enfrascar-me para esquecer. De que preciso de abdicar daquela minúscula centelha de esperança de que alguma coisa poderá acontecer e aceitar simplesmente que *não vai* acontecer.

Mas talvez comece amanhã.

Esta noite? Vou cingir-me ao plano original. Embebedar-me. Dar uma queca. E que se lixe tudo o resto.

Grace

Quando entrei no primeiro ano da faculdade, era virgem.

Começo a pensar que ainda serei virgem quando sair. Não que haja algum mal em ser-se membro do clube da virgindade. Vou fazer

19 anos, e então? Não sou propriamente uma velha solteirona e de certeza que ninguém me vai cobrir de alcatrão e penas por ainda ter um hímen intacto.

Além disso, não é como se não tivesse tido oportunidades para perder a virgindade este ano. Desde que cheguei à Briar que a minha melhor amiga me tem arrastado para mais festas do que aquelas que consigo contar. Houve tipos que se meteram comigo, sim. Alguns tentaram abertamente seduzir-me. Um até me enviou uma fotografia do pénis com a legenda «É todo teu, querida». O que foi... bem, foi muito nojento, mas tenho a certeza de que, se *gostasse* dele, talvez tivesse ficado, hum, lisonjeada pelo gesto? Talvez?

Mas nenhum desses tipos me atraiu. E, infelizmente, todos os que me chamaram a atenção nem sequer olharam para mim.

Até esta noite.

Quando a Ramona anunciou que íamos a uma festa numa república, não tive grandes esperanças de conhecer alguém. Parece-me que, sempre que vamos à Greek Row, a única coisa que os tipos das repúblicas fazem é tentar convencer-nos, a mim e à Ramona, a curtir. Mas esta noite conheci um rapaz de quem até gostei.

Chama-se Matt, é giro e não parece idiota como os outros. Não só está mais sóbrio como consegue dizer frases inteiras, e não disse a expressão «os meus manos» nem uma vez desde que começámos a falar. Ou melhor, desde que *ele* começou a falar. Eu não disse grande coisa, mas contento-me perfeitamente em ficar ali a ouvir, já que isso me dá tempo para admirar o seu maxilar cinzelado e a forma adorável como o cabelo louro encaracola por baixo das orelhas.

Para ser honesta, talvez seja melhor se eu não falar. Os tipos giros deixam-me nervosa. Nervosa a ponto de ficar com a língua presa e o cérebro paralisado. Todos os meus filtros se desligam, e, de repente, estou a falar-lhes do dia em que fiz chichi nas calças no terceiro ano, numa visita de estudo a uma fábrica de xarope de ácer, ou de como tenho medo de fantoches e sofro de um ligeiro distúrbio obsessivo-compulsivo que é capaz de me levar a a limpar o quarto de qualquer pessoa no momento em que ela desvia o olhar.

Por isso, sim, é melhor que me limite a sorrir e a acenar com a cabeça e a lançar o ocasional «ah, a sério?», para eles saberem que não sou muda. Só que, por vezes, isso não é possível, em especial quando o tipo giro em questão diz qualquer coisa que exige uma verdadeira resposta.

— Queres ir lá fora fumar isto? — O Matt retira uma ganza do bolso da camisa e ergue-a na minha frente. — Eu acendia-a aqui, mas o Sr. Presidente expulsava-me da república, se o fizesse.

Abano a cabeça, pouco à vontade.

— Ah... não, obrigada.

— Não fumas erva?

— Não. Quero dizer, já fumei, mas não fumo muitas vezes. Faz-me sentir... tonta.

Ele sorri, e aparecem duas lindas covinhas na sua cara.

— Bem, é esse o objetivo da erva.

— Pois, eu sei. Mas também me deixa muito cansada. Ah, e sempre que fumo, acabo a pensar numa apresentação em *Power Point* que o meu pai me obrigou a ver quando tinha 13 anos. Tinha um monte de estatísticas sobre os efeitos da erva nas células do cérebro, e como, ao contrário da crença popular, a marijuana é altamente viciante. E, depois de cada *slide*, ele olhava para mim e perguntava: queres perder as tuas células cerebrais, Grace? Queres?

O Matt fica a olhar para mim e, na minha cabeça, há uma voz que grita: *Abortar!* Mas é demasiado tarde. O meu filtro interno voltou a desertar e as palavras não param de saltar da minha boca.

— Mas acho que isso nem é tão mau como o que a minha mãe fazia. Ela tenta ser fixe, por isso, quando eu tinha 15 anos, levou-me a um parque de estacionamento muito escuro, pegou numa ganza e anunciou que íamos fumá-la juntas. Parecia uma cena saída do *The Wire*... espera, não, eu nunca vi o *The Wire*. Tem que ver com drogas, não tem? Seja como for, fiquei ali sentada em pânico, convencida de que íamos ser presas, e durante o tempo todo a minha mãe ia-me perguntando como é que me estava a sentir e se estava a gostar.

Milagrosamente, os meus lábios param de se mover.

Mas os olhos de Matt já estão vidrados.

— Ah, pois, sim. — Acena com a ganza. — Vou fumar isto. A gente vê-se.

Consigo conter o suspiro até ele desaparecer, depois solto o ar pesado nos meus pulmões e dou-me uma bofetada mental. Raios. Nem sei porque é que me dou ao trabalho de tentar conversar com rapazes. Começo cada conversa nervosa, com medo de fazer figuras tristes, e depois acabo por fazer figuras tristes *porque* estou nervosa. Condenada desde o princípio.

Com outro suspiro, desço as escadas e procuro a Ramona no andar de baixo. A cozinha está cheia de barris de cerveja e rapazes da república. O mesmo na sala de jantar. A sala de estar está apinhada com rapazes muito ruidosos e muito bêbedos e um mar de raparigas escassamente vestidas.

Aplaudo-as pela sua coragem, porque o tempo lá fora está gelado e a porta principal esteve toda a noite a abrir e a fechar, fazendo com que o ar gelado circule pela casa. Quanto a mim, estou muito quentinha e confortável com as minhas calças de ganga *skinny* e a camisola justa.

Não vejo a minha amiga em lado nenhum. Com a música *hip-hop* a jorrar das colunas num volume ensurdecedor, retiro o telemóvel da mala para ver as horas e descubro que é perto da meia-noite. Mesmo ao fim de oito meses na Briar, ainda experimento uma minúscula sensação de júbilo de cada vez que fico acordada até depois das onze, que era a minha hora de deitar quando vivia em casa. O meu pai era muito rígido com a hora de recolher. Não, o meu pai era muito rígido *em tudo*. Duvido que alguma vez tenha quebrado uma regra na sua vida, o que me faz perguntar como é que ele e a minha mãe conseguiram ficar casados tanto tempo. A minha mãe, de espírito livre, é o total oposto do meu pai, antiquado e severo, mas, se calhar, isso só prova que aquela teoria de que os opostos se atraem tem algum mérito.

— Gracie! — guincha uma voz feminina por cima da música, e, quando dou por mim, a Ramona aparece e lança os braços à minha volta num forte abraço.

Quando recua, basta um olhar para os seus olhos brilhantes e faces afogueadas para saber que está embriagada. Está também tão escassamente vestida como a maior parte das outras raparigas na sala: a saia curta mal cobrindo a parte de cima das coxas, o top vermelho a revelar uma enorme quantidade de peito. E os saltos das suas botas de pele são tão altos que não percebo como consegue andar em cima deles. Mas está fabulosa, e atrai uma tonelada de olhares apreciativos quando enlaça o braço no meu.

Tenho a certeza de que, quando nos veem lado a lado, as pessoas coçam a cabeça e perguntam-se como podemos ser amigas. Por vezes, pergunto a mesma coisa a mim própria.

Na escola secundária, a Ramona era a adorável miúda rebelde que fumava cigarros atrás do edifício e eu era a miúda atinada que editava o jornal da escola e organizava todos os eventos solidários. Se não fôssemos vizinhas, eu e a Ramona provavelmente nunca teríamos sabido da existência uma da outra, mas o facto de caminharmos juntas para a escola todos os dias levou a uma amizade de conveniência que acabou por se tornar uma verdadeira afeição. Tão verdadeira que, quando andávamos à procura de faculdade, tivemos o cuidado de nos candidatarmos às mesmas escolas e, quando entrámos ambas na Briar, pedimos ao meu pai para falar com o gabinete de alojamento para nos atribuírem o mesmo quarto.

Mas embora a nossa amizade continue em força este ano, não posso negar que nos afastámos um pouco. A Ramona anda obcecada com conhecer tipos e ser popular. É a única coisa de que costuma falar e, ultimamente, tenho percebido que ela... me aborrece.

Raios. Só de pensar sobre isto fico a sentir-me uma amiga muito merdosa.

— Vi-te lá em cima com o Matt!! — sussurra-me ao ouvido. — Vocês curtiram?

— Não — digo, pesarosa. — Acho que o afugentei.

— Oh, não. Falaste-lhe da tua fobia aos fantoches, não foi? — pergunta, antes de soltar um suspiro exagerado. — Miúda, tens de parar de revelar essas tuas cenas maradas logo ao início. A sério. Guarda

isso tudo para depois, quando já namorares com o tipo e for mais difícil ele fugir.

Não consigo evitar uma gargalhada.

— Obrigada pelo conselho.

— Então, estás pronta para ir ou ficamos mais um bocado?

— Não me importo de ir já — admito.

— Tudo bem, acho que também quero ir.

Arqueio as sobrancelhas.

— Desde quando queres sair de uma festa antes da meia-noite?

Ela franze os lábios.

— Não vale a pena ficar. Já o agarraram antes de mim.

Não me dou ao trabalho de perguntar a quem se está a referir — só fala do mesmo tipo desde o primeiro dia do semestre.

Dean Heyward-Di Laurentis.

A Ramona anda obcecada pelo lindo estudante mais velho desde que o viu num dos cafés perto do *campus*. Obcecada a sério. Arrasta-me para quase todos os jogos em casa só para ver o Dean em ação. Tenho de admitir, o tipo é sexy. E é também um grande jogador, de acordo com as conversas por aqui, mas, infelizmente para Ramona, o Dean não sai com caloiras. Ou não vai para a cama com elas, o que é a única coisa que a minha amiga quer fazer com ele, de qualquer maneira. A Ramona nunca saiu com a mesma pessoa durante mais de uma semana.

A única razão por que ela quis vir à festa esta noite foi por ter ouvido dizer que o Dean também vinha. Mas, claramente, o tipo não brinca com essa regra do «nada de caloiras». Não importa quantas vezes a Ramona se atire, ele sai sempre da festa com outra pessoa qualquer.

— Deixa-me só ir à casa de banho primeiro — digo-lhe. — Encontramo-nos lá fora?

— Está bem, mas despacha-te. Disse ao Jasper que íamos embora e ele está à espera no carro.

Ela dispara para a porta principal, deixando-me com uma ponta de ressentimento. Que simpático da parte dela perguntar-me se me queria ir embora quando já tinha tomado sozinha essa decisão.

Mas engulo a irritação, lembrando-me a mim mesma de que a Ramona sempre foi assim e que isso nunca me incomodou no passado. Honestamente, se não fosse ela a tomar decisões e a obrigar-me a sair da minha zona de conforto, eu teria passado toda a minha escola secundária no gabinete do jornal, a escrever a coluna de conselhos e a oferecer aos estudantes dicas de vida sem ter tido qualquer experiência de vida para oferecer.

Ainda assim... por vezes, gostava que a Ramona, ao menos, me *perguntasse* o que eu penso de alguma coisa antes de decidir o que devíamos fazer.

A casa de banho do rés do chão tem uma longa fila, por isso ziguezagueio por entre a multidão e subo as escadas para o patamar onde eu e o Matt tínhamos estado a conversar. Estou mesmo a chegar à casa de banho quando a porta se abre de rompante e uma bonita loura sai a bambolear-se.

Dá um pulo quando me vê, depois faz-me um sorrisinho empertigado e ajusta a bainha do vestido, que só pode ser descrito como indecente. Até consigo ver-lhe as cuecas cor-de-rosa.

Quando as minhas faces se ruborizam, desvio o olhar, embaraçada, esperando que ela chegue às escadas para levar a mão à maçaneta da porta. Mal lhe tinha tocado quando a porta se abre *de novo* e sai outra pessoa.

O meu olhar colide com os olhos mais azuis que alguma vez vi. Só preciso de um segundo para os reconhecer, e, quando isso acontece, o meu rosto fica ainda mais quente.

É o John Logan.

Sim, o John Logan. Mais conhecido como a estrela de defesa da equipa de hóquei. Sei isto não só porque a Ramona tem andado a perseguir o seu amigo Dean há meses, mas porque o seu rosto sensual e cinzelado esteve na capa do jornal da faculdade na semana passada. Desde a vitória da equipa no campeonato, o jornal tem feito entrevistas a todos os jogadores, e, não vou mentir, a entrevista ao Logan foi a única a que prestei qualquer atenção.

Porque o tipo é podre de bom.

Ta como a loura, ele parece sobressaltar-se quando me encontra no corredor, e, como a loura, recupera rapidamente da sua surpresa e faz-me um sorriso.

Depois puxa o fecho das calças.

Oh, meu Deus.

Não acredito que ele fez isto. O meu olhar desce involuntariamente para a sua zona púbica, mas ele também não parece incomodado com isso. Arqueia uma sobrancelha, encolhe os ombros e depois vai-se embora.

Uau. OK.

Aquilo devia ter-me deixado enojada. Nem é preciso falar da óbvia queca na casa de banho. Só o gesto de puxar o fecho devia tê-lo transportado de imediato para o domínio do repelente.

Em vez disso, saber que ele acabou de curtir com aquela miúda na casa de banho suscita em mim uma vaga de inveja, porque não estava à espera.

Isto não significa que estou interessada em marmelada casual na casa de banho, mas...

Pronto. Estou a mentir. Estou interessada nisso mesmo. Pelo menos, com o John Logan. A ideia das suas mãos e lábios em cima de mim faz com que um turbilhão de arrepios me percorra a espinha.

Porque é que não posso curtir com tipos em casas de banho? Estou na faculdade, raios. Devia estar a divertir-me e a cometer erros e a «descobrir-me». Mas, este ano, ainda não fiz a ponta de um corno. Tenho estado a viver por intermédio da Ramona, a ver a minha melhor amiga a correr riscos e a experimentar coisas novas, enquanto eu, a miúda atinada, fico de lado, agarrada à abordagem segura da vida que o meu pai me incutiu quando ainda andava de fraldas.

Bem, estou cansada de ser cautelosa. E estou farta de ser a miúda atinada. O semestre está quase a acabar. Faltam-me dois exames e um trabalho de Psicologia, mas quem diz que não posso fazer isso tudo e juntar um pouco de verdadeira diversão pelo meio?

Restam-me umas semanas para acabar o meu ano como caloira. Tenciono fazer bom uso delas.

2

Logan

Decidi acalmar-me um pouco com as borgas. E não é só porque ontem à noite fiquei tão bêbedo que o Tucker teve de me carregar ao ombro e levar-me para o meu quarto.

Embora esse *tenha* sido um importante fator no processo de tomada da decisão.

Por isso, hoje é sexta-feira e não só recusei um convite para uma festa de um dos tipos da equipa como tenho na mão o mesmo copo de whisky que servi há mais de uma hora. Também só fumei uma única passa da ganza que o Dean me está sempre a estender.

Esta noite ficámos em casa e atrevemo-nos a enfrentar o frio de abril, enquanto nos instalamos juntos no pequeno jardim das traseiras. Dou uma passa no meu cigarro enquanto o Dean, o Tucker e o nosso colega de equipa, o Mike Hollis, fazem circular a ganza, e eu estou apenas meio atento enquanto o Dean recapitula a incrível sessão de sexo que teve na noite anterior. A minha mente não para de se desviar para a minha própria incursão — a miúda da república, sexy como o pecado, que me atraiu para uma das casas de banho do andar superior e fez de mim o que queria.

Podia estar bêbedo, e a minha memória está um pouco difusa, mas decididamente lembro-me de a ter feito vir com a mão. E lembro-me, decididamente, de ter sido o recetor de um bastante

espetacular broche. Mas não tenciono contar ao Tuck, já que, ao que parece, ele anda a controlar as minhas quecas. Sacana coscuvilheiro.

— Espera, volta atrás. Fizeste o quê?

A exclamação do Hollis arrasta-me de volta para o presente.

— Mandei-lhe uma foto da pila. — O Dean diz isto como se fosse uma coisa que faz todos os dias.

O Hollis fica a olhar para ele de boca aberta.

— A sério? Mandaste-lhe uma foto do teu material? O quê, como uma espécie de recordação marada?

— Não! É mais um convite para uma segunda ronda — responde o Dean com um enorme sorriso.

— Como raio é que ela vai querer voltar a dormir contigo? — O Hollis parece agora duvidar. — O mais provável é que te ache um idiota.

— Nem penses, meu. As miúdas apreciam uma boa foto da pila. Acredita em mim.

O Hollis comprime os lábios enquanto se esforça para não se rir.

— Hum-hum. Claro.

Com um toque no cigarro, solto a cinza para a relva e dou outra passa.

— Só por curiosidade, o que é que constitui uma boa foto de pila? Quero dizer, estás a referir-te à luz? À pose?

Estou a ser sarcástico, mas o Dean responde numa voz solene.

— Bem, o truque é manteres os tomates fora da imagem.

Aquilo provoca uma sonora gargalhada do Tucker, que se engasga a meio do processo de beber um gole de cerveja.

— A sério — insiste o Dean. — Os tomates não são fotogénicos. As mulheres não os querem ver.

Desta vez, o Hollis não se consegue conter e desata a rir, a respiração a sair em nuvens brancas que ficam a pairar no ar noturno.

— Pensaste muito nisso, meu. É um bocado triste.

Também me rio.

— Espera, é isso que fazes quando estás no teu quarto com a porta trancada? Tiras fotografias da tua pila?

— Oh, por favor, como se fosse o único que alguma vez tirou uma foto à pila.

— És o único — dizemos eu e o Hollis em uníssono.

— Não me lixem. Vocês são uns mentirosos. — O Dean percebe de súbito que o Tucker não negou e não perde tempo a aproveitar o silêncio do nosso colega de equipa. — Ah! Eu sabia!

Arqueio uma sobrancelha e olho para o Tuck, que pode ou não estar a corar por baixo dos doze centímetros de barba a crescer no seu rosto.

— A sério, meu? A sério?

Ele oferece um sorriso envergonhado.

— Lembras-te daquela rapariga com quem andei no ano passado? A Sheena? Bem, ela mandou-me uma fotografia das mamas. Disse que eu tinha de retribuir o favor.

O Dean fica de queixo caído.

— Pila em troca de mamas? Bacano, foste enganado. Não são coisas nem remotamente comparáveis.

— Qual é o equivalente às mamas, então? — perguntou o Hollis, curioso.

— Tomates — declara o Dean, antes de aspirar profundamente a sua ganza. Solta um anel de fumo enquanto toda a gente se ri da sua observação.

— Acabaste de dizer que as mulheres não querem ver tomates — frisa o Hollis.

— E não querem. Mas qualquer idiota sabe que a fotografia de uma pila requer um nu frontal em troca. — Revira os olhos. — É do mais vulgar bom senso.

Alguém pigarreia da porta de correr atrás de mim. Muito alto. Dou meia-volta para deparar com a Hannah ali parada, e o meu peito comprime-se com tanta força que me doem as costelas. Está de *leggings* e tem uma t-shirt do Garrett. O cabelo escuro e solto cai-lhe sobre um ombro. Está linda.

E, sim, sou um verdadeiro idiota, porque de repente estou a imaginá-la com uma das minhas t-shirts vestida. Com o meu número estampado na frente.

Lá se vai o aceitar e seguir em frente.

— Hum... está bem — diz ela devagar. — Só para verificar se não estou a perceber mal... vocês estão a falar de enviar fotografias dos vossos pénis a miúdas? — Os olhos dela dançam de divertimento enquanto percorrem o grupo.

O Dean solta um ronco trocista.

— Claro que estamos. E não revires assim os olhos, Wellsy. Vais mesmo dizer-nos que o Garrett não te enviou fotografias da pila dele?

— Nem me vou dignar a responder a isso. — Ela suspira e encosta o antebraço à porta. — Nós vamos encomendar pizza. Também querem? Ah, e vamos ver um filme na sala. É a vez de ele escolher, por isso de certeza que vai ser algum horrível filme de ação. Se quiserem ver connosco...

O Tuck e o Dean alinham de imediato, mas o Hollis abana a cabeça com pena.

— Talvez para a próxima. O meu último exame é na segunda, por isso tenho de passar o resto do fim de semana a marrar.

— Blhec. Bem, boa sorte. — Ela sorri-lhe antes de se desencostar da porta e dar um passo atrás. — Se querem ter alguma coisa a dizer sobre a escolha da pizza, é melhor virem para dentro agora, se não vou carregá-la com vegetais. Ah, e, que raio, Logan. — Os seus olhos verdes fixam-se em mim. — Pensei que tinhas dito que só fumavas em festas. Vou ter de te bater?

— Gostava de te ver a tentar, Wellsy. — O meu tom é repleto de humor, mas, assim que ela volta para dentro, o humor desvanece-se.

Estar perto da Hannah é como levar um murro no estômago. E a ideia de ficar sentado na mesma sala que ela e o Garrett, a comer pizza e a ver um filme, e vê-los todos juntinhos e apaixonados... é cem vezes pior do que aquele murro no estômago. É toda uma equipa de hóquei inteira a cair em cima de mim.

— Sabes que mais? Acho que, se calhar, vou àquela coisa do Danny, afinal. Dás-me boleia até às residências? — pergunto ao Hollis. — Eu levava o carro, mas não sei se vou acabar por beber.

O Dean apaga a ganza no cinzeiro em cima da tampa fechada da churrasqueira.

— Não vais acabar por beber, meu. O assistente da residência do Danny é um autêntico nazi. Patrulha os corredores e faz verificações de surpresa nos quartos. Não estou a gozar.

Não quero saber. A única coisa que sei é que não posso ficar aqui. Não consigo conviver com a Hannah e o Garrett. Pelo menos, enquanto não conseguir lidar com a minha estúpida paixão por ela.

— Então, não bebo. Só preciso de mudar de ambiente. Passei todo o dia em casa.

— Mudar de ambiente, hem? — A expressão sombria do Tucker diz-me que ele consegue ler o que estou a sentir.

— Sim — replico friamente. — Tens algum problema com isso?

O Tuck não responde.

Cerro os dentes, balbucio um adeus e sigo o Hollis até ao carro.

Quinze minutos mais tarde, estou no corredor do segundo andar da Fairview House, e o silêncio é tão sinistro que a minha disposição mergulha ainda mais fundo. Merda. Estou a ver que o assistente é mesmo duro. Não ouço um único ruído em nenhum dos quartos, e nem sequer posso ligar ao Danny para descobrir se a festa foi cancelada, porque, na minha pressa de fugir de casa, esqueci-me de trazer o telemóvel.

Nunca tinha estado na residência do Danny, por isso deixo-me ficar no corredor por um momento, a tentar lembrar-me do número do quarto que ele me enviou há pouco. Seria 220? Ou era 230? Passo por cada uma das portas, a verificar os números, e o meu dilema resolve-se por si quando percebo que nem sequer existe um quarto 230.

Tem de ser o 220.

Bato com os nós dos dedos na porta. Quase de imediato, ouço passos do outro lado. Pelo menos, está aqui alguém. É bom sinal.

Depois a porta abre-se e dou por mim a olhar para uma perfeita desconhecida. Uma desconhecida muito bonita, é certo, mas uma desconhecida.

A rapariga pestaneja de surpresa quando me vê ali parado. Os seus olhos castanho-claros são do mesmo tom do cabelo, que lhe cai numa comprida trança sobre o ombro. Tem vestidas umas calças axadrezadas largas e uma *sweatshirt* preta com o logótipo da universidade na frente, e, pelo total silêncio no quarto atrás dela, é óbvio que bati à porta errada.

— Olá — digo, pouco à vontade. — Então... bem... estou a ver que este não é o quarto do Danny.

— Hum, não.

— Merda. — Franzo os lábios. — Ele disse que era o quarto 220.

— Bem, algum dos dois tem de estar enganado. — Faz uma pausa. — Não há nenhum Danny neste piso. Ele é caloiro?

— Não, está no terceiro ano.

— Ah. Então, de certeza que não vive aqui. Esta residência é para caloiros. — Enquanto fala, ela brinca com a ponta da trança, e nem uma única vez me olha nos olhos.

— Merda — balbucio de novo.

— Tens a certeza de que o teu amigo disse que era a Fairview House?

Hesito. Eu tinha a certeza, mas agora... nem tanto. Não costumo conviver muito com o Danny, pelo menos, sozinhos. Normalmente, vejo-o em festas após os jogos, ou então ele vem à minha casa com os outros colegas da equipa.

— Já não sei — respondo com um suspiro.

— Porque é que não lhe ligas? — Ela ainda não me olhou nos olhos. Agora está atenta às suas meias de lã como se fossem as coisas mais fascinantes que alguma vez viu.

— Deixei o telemóvel em casa. — Merda. Enquanto pondero nas minhas opções, passo uma mão pelo cabelo. Está a ficar comprido e preciso desesperadamente de o cortar, mas estou sempre a esquecer-me. — Importavas-te se te pedisse para usar o teu?

— Hum... não.

Embora pareça hesitante, a rapariga abre mais a porta e faz-me sinal para entrar. O quarto é o típico dormitório duplo, onde tudo

é a dobrar, mas, enquanto um dos lados está imaculadamente arrumado, o outro é a central do desleixo. É evidente que esta rapariga e a colega de quarto têm duas filosofias muito diferentes a respeito de arrumação.

Por alguma razão, não fico surpreendido quando ela se dirige para o lado em ordem. Parece, de facto, ser a pessoa arrumada. Ela encaminha-se para a secretária, desliga um telemóvel do carregador e depois estende-mo.

— Toma.

Assim que o telefone troca de mãos, ela volta para a porta.

— Não tens de ir para a porta — digo, secamente. — A não ser que estejas a pensar fugir.

Ela fica toda corada.

A sorrir, passo o dedo no ecrã e abro o teclado.

— Não te preocupes, linda. Vou só fazer uma chamada. Não te vou assassinar.

— Ah, eu sei. Quero dizer, acho que sei — gagueja. — Quero dizer, pareces um tipo normal, mas, se pensar bem, há montes de assassinos em série que também parecem normais, quando os conhecemos. Sabias que o Ted Bundy até era um tipo encantador? — Os seus olhos arregalam-se. — Não é uma coisa lixada? Imagina que estás muito bem um dia, encontras um tipo todo giro, todo simpático, e pensas «oh, meu Deus, ele é perfeito», e depois estás na casa dele e encontras uma masmorra na cave com fatos feitos de pele humana, e Barbies com os olhos arrancados, e...

— Credo — interrompo. — Já alguém te disse que falas muito?

Agora, as bochechas dela estão ainda mais vermelhas.

— Desculpa. Às vezes faço isso, quando estou nervosa.

Mostro-lhe outro sorriso.

— Eu deixo-te nervosa?

— Não. Bem, talvez um bocadinho. Quero dizer, eu não te conheço e... sim, «não fales com desconhecidos», não é o que se costuma dizer? Embora tenha a certeza de que não és perigoso — apressa-se a acrescentar. — Mas... tu percebes...

— Pois. O Ted Bundy. — Tive de conter por completo a vontade de rir.

Ela volta a brincar com a trança e o olhar desviado dá-me a oportunidade de a estudar com mais atenção. Caramba, é mesmo bonita. Não é linda de morrer, mas tem um ar fresco que é seriamente atraente. Sardas no nariz, feições delicadas e pele macia e cremosa que parece acabada de sair de um anúncio de cosmética.

— Vais ligar-lhe? — Pestanejo, a lembrar-me de repente da razão por que estou ali. Olho para o telemóvel na minha mão, e agora estou a examinar o teclado com tanta intensidade como estava a examinar-lhe o rosto uns segundos antes. — Faz assim: marcas com os dedos e depois carregas no verde.

Levanto a cabeça e o seu sorriso mal contido provoca-me uma gargalhada.

— Obrigado. Mas... — Solto um suspiro pesaroso. — Acabei de me aperceber de que não sei o número dele. Tenho-o nos meus contactos. — Merda. Será o castigo por andar a fantasiar com a namorada do Garrett? Ficar encalhado numa sexta à noite, sem telefone nem boleia para casa? Suponho que mereço mesmo isto. — Que se lixe. Vou chamar um táxi — decido, por fim.

Por sorte, sei de cor o número do serviço de táxis do *campus*, por isso marco-o, apenas para ficar em espera. Quando ouço a música ambiente de elevador a soar aos meus ouvidos, abafo um gemido.

— Ficaste em espera, não foi?

— Sim. — Volto a olhá-la de relance. — Sou o Logan, já agora. Obrigado por me emprestares o telefone.

— Tudo bem. — Ela faz uma pausa. — Sou a Grace.

Um clique soa no meu ouvido, mas, em vez de ouvir a voz de alguém da central, há outro clique, seguido de novo pela música. Mas não é de espantar. É noite de sexta-feira, a mais ocupada para os táxis do *campus*. Sabe-se lá quanto tempo tenho de esperar.

Deixo-me cair na ponta de uma das camas — a que está feita — e tento lembrar-me do número do serviço de táxis de Hastings, a cidade onde se localiza a maior parte dos alojamentos fora do *campus*,

incluindo a minha casa. Mas tenho uma branca, por isso suspiro e suporto mais um pouco da música de elevador. O meu olhar vagueia para o portátil aberto no outro lado da cama, e, quando reparo no que está no monitor, olho para a Grace, surpreendido.

— Estás a ver o *Die Hard: Assalto ao Arranha-Céus*?

— Não, este por acaso é o *Assalto ao Aeroporto*. — Ela parece envergonhada. — Estou a fazer uma maratona destes filmes. Acabei de ver o primeiro.

— Tens alguma pancada pelo Bruce Willis ou coisa do género?

Aquilo fá-la rir.

— Não. Só gosto de velhos filmes de ação. No fim de semana passado vi todos os *Arma Mortífera*.

A música no meu ouvido volta a parar, depois recomeça, trazendo-me uma praga aos lábios. Desligo e viro-me para a Grace.

— Importas-te de que use o teu computador para procurar o número dos táxis de Hastings? Talvez tenha mais sorte.

— Tudo bem. — Após um segundo de hesitação, ela senta-se ao meu lado e pega no portátil.

— Deixa-me abrir um *browser*.

Quando vai minimizar o vídeo, o filme sai da pausa e a cena de abertura de luta no aeroporto enche o monitor. Aproximo-me mais para ver.

— Oh, raios, esta sequência é fantástica.

— É, não é? — exclama a Grace. — Eu adoro. Na verdade, adoro este filme. Não me interessa o que toda a gente diz, é o máximo. Claro que não é tão bom como o primeiro, mas não é tão mau como as pessoas pensam.

Está prestes a pôr o filme na pausa, mas eu interceto a sua mão.

— Podemos só acabar de ver esta cena?

A expressão dela enche-se de surpresa.

— Hum... sim, está bem. — Engole visivelmente em seco, acrescentando: — Se quiseres, podes ficar a ver o filme todo. — As suas faces inflamam-se assim que profere o convite. — A não ser que tenhas de ir a algum lado.

Penso por um segundo antes de abanar a cabeça.

— Não, não vou a lado nenhum. Posso ficar aqui um bocado.

A sério, qual é a alternativa? Ir para casa ver a Hannah e o Garrett a darem pizza a comer um ao outro e a trocarem beijos durante o filme?

— Ah. Está bem — diz a Grace, hesitante. — Eh... fixe.

Rio-me.

— Estavas a contar que eu recusasse, não estavas?

— Mais ou menos — admite.

— Porque é que havia de recusar? A sério, há algum tipo que recuse ver o *Die Hard*? A única coisa que podia melhorar este acordo era se me oferecesses uma cerveja.

— Não tenho. — Ela detém-se a pensar. — Mas tenho montes de gomas de ursinhos escondidas na minha gaveta.

— Queres casar comigo? — digo num instante.

A rir-se, ela dirige-se para a secretária, abre a última gaveta e, efetivamente, retira um enorme saco de gomas.

Enquanto me sento mais para trás na cama e me encosto à pilha de almofadas na cabeceira, a Grace ajoelha-se à frente do minibar ao lado da secretária e pergunta:

— Água ou *Pepsi*?

— *Pepsi*, por favor.

Passa-me o enorme saco de gomas e uma lata de refrigerante, depois instala-se na cama ao meu lado e posiciona o portátil na colcha entre os dois.

Enfio um ursinho na boca e concentro-me no ecrã. Muito bem. Decididamente, não era assim que esperava passar este serão, mas, que diabo, mais vale deixar-me ir.

3

Grace

O John Logan está no meu dormitório.

Não, o John Logan está na minha *cama*.

Não estou *nada* preparada para isto. De facto, sinto-me tentada a enviar secretamente uma mensagem à Ramona com um SOS e suplicar por algum conselho, porque não faço ideia do que devo fazer ou dizer. O lado positivo é que estamos a ver um filme, o que significa que não tenho de fazer nem dizer nada, só tenho de olhar para o portátil, rir-me nas cenas apropriadas e fingir que o tipo mais giro da Briar não está sentado *na minha cama*.

E não é só o seu corpo que é escaldante. A sua temperatura também é. A sério, o calor corporal deste tipo é como o de uma fornalha, e uma vez que já estou a ferver e cheia de formigueiro pela sua mera presença, o calor que ele irradia começa a fazer-me suar.

Tentando não dar muito nas vistas, dispo a *sweatshirt* e deixo-a ao meu lado, mas o movimento faz com que o Logan vire a cabeça para mim. Aqueles profundos olhos azuis concentram-se no meu top justo, detendo-se brevemente no meu peito.

Oh, céus. Ele está a olhar-me para os seios. E embora use apenas uma copa B, pela forma como a sua expressão aquece, dir-se-ia que eu ostentava a prateleira de uma estrela porno.

Quando ele percebe que o apanhei a olhar, limita-se a piscar-me o olho e vira-se de novo para o ecrã.

É oficial: acabei de conhecer um tipo que sabe piscar o olho.

Prestar atenção ao filme é impossível. Tenho os olhos no ecrã, mas a minha mente está noutro sítio. Totalmente concentrada no tipo ao meu lado. É muito mais alto do que eu pensava. Ombros impossivelmente largos, peito musculado, longas pernas estendidas na sua frente. Já o vi jogar hóquei, por isso sei que é agressivamente potente no gelo, e ter aquele corpo poderoso a centímetros do meu provoca-me um arrepio na espinha. Parece muito mais velho e mais masculino do que os caloiros com quem tenho convivido durante todo o ano.

Pois, burra. Ele está no terceiro ano.

Sim. Mas... também parece mais velho do que isso. Há nele qualquer coisa muito máscula que me faz querer arrancar-lhe as roupas e lambê-lo como se fosse um cone de gelado.

Enfio uma goma na boca, esperando que o ato de mastigar confira alguma tão necessária humidade à minha garganta seca. No ecrã, a mulher do McClane está no avião a discutir com a irritante jornalista que causou problemas aos McClanes no primeiro filme, e, de repente, o Logan vira-se para mim com uma expressão de curiosidade.

— Ei, achas que conseguias aterrar um avião, se não tivesses outra hipótese?

Rio-me.

— Pensei que tinhas dito que já viste o filme. Sabes que ela não tem de aterrar o avião, não sabes?

— Sim, eu sei. Mas isto fez-me pensar no que faria se estivesse num avião e fosse o único que o poderia aterrar. — Ele suspira. — Acho que não era capaz.

Fico surpreendida com a facilidade com que ele admite isto. Outro tipo podia tentar fazer-se de grande macho e gabar-se de que conseguiria aterrar aquela coisa de olhos fechados, ou coisa do género.

— Eu também não — confesso. — Estou mais a ver-me a tornar as coisas ainda piores. Provavelmente, acabava a despressurizar a cabina carregando no controlo errado. Não, espera. Tenho medo de alturas, por isso tenho a certeza de que desmaiava mal pusesse um pé no *cockpit* e olhasse pelo para-brisas.

Ele ri-se, e o som rouco provoca em mim outra vaga de arrepios.

— Acho que era capaz de pôr um helicóptero a voar — diz ele. — Deve ser mais fácil do que um avião, não achas?

— Talvez. Para ser honesta, não sei nada sobre aviação. — É a minha vez de suspirar. — Não digas a ninguém, mas às vezes não sei sequer se compreendo como é que os aviões se aguentam no ar.

Ele ri-se, e depois voltamos ambos a focar-nos no filme e dou mentalmente uma palmadinha nas minhas próprias costas. Acabei de ter uma conversa inteira com um rapaz giro sem me pôr a tagarelar incoerentemente. Mereço uma medalha de ouro por isto.

Claro, continuo nervosa como o raio. Mas há qualquer coisa no Logan que me faz sentir à vontade. Ele é tão descontraído e, além disso, é difícil sentir-me intimidada por um tipo que está a comer as minhas gomas de ursinhos.

Enquanto vemos o filme, o meu olhar dardeja para ele de vez em quando para lhe admirar o perfil cinzelado. Tem o nariz ligeiramente torto, como se o tivesse partido uma ou duas vezes. E a curva sensual dos seus lábios é... uma pura tentação. Quero tanto beijá-lo que nem consigo pensar como deve ser.

Céus, sou tão patética. Aposto que beijar-me é a última coisa que lhe passa pela cabeça. Ele ficou aqui para ver o *Die Hard*, não para curtir com uma caloira que o comparou com o Ted Bundy há uma hora.

Obrigo-me a concentrar no filme, mas já estou a temer o momento em que acabar, porque depois o Logan terá de se ir embora.

Mas, quando os créditos começam a rolar no ecrã, ele não faz nenhum movimento para se levantar. Em vez disso, olha para mim e pergunta:

— Então, qual é a tua onda?

Franzo o sobrolho.

— De que é que estás a falar?

— É sexta à noite... porque é que estás aqui sentada a ver filmes de ação?

A pergunta irrita-me.

— Qual é o mal?

— Não tem mal nenhum. — Ele encolhe os ombros. — Só estou a perguntar-me porque é que não estás numa festa ou coisa do género.

— Estive numa festa ontem à noite. — *Não o lembres de que o viste, não o lembres de que o viste...* — Eu vi-te lá, por acaso.

Ele parece surpreendido.

— Viste?

— Sim. Na casa da Omega Phi.

— Ah. Não me lembro de te ver. — Lança-me um olhar embaraçado. — Não me lembro de grande coisa, na verdade. Estava com uma tremenda piela.

Magoa-me um pouco que ele não se lembre do nosso encontro à saída da casa de banho, mas censuro-me por me sentir insultada. Ele estava embriagado e tinha acabado de se enrolar com outra pessoa. Claro que não ia reparar em mim.

— Divertiste-te na festa? — Pela primeira vez desde que ele entrou no meu quarto, o seu tom contém uma nota de desconforto, como se estivesse a tentar fazer conversa de circunstância e não se sentisse à vontade com isso.

— Sim, acho eu. — Faço uma pausa. — Bem, retiro o que disse. Foi divertido até me humilhar completamente em frente a um tipo.

O desconforto no rosto dele dissolve-se quando solta uma pequena risada.

— A sério? O que é que fizeste?

— Pus-me a falar sem parar. Muito. — Encolho um pouco os ombros. — Tenho este mau hábito, quando estou com rapazes.

— Não estás a falar muito agora — faz ele notar.

— Sim, agora. Mas não te lembras do monólogo sobre o assassino em série, há duas horas?

— Lembro. Acredita. — O seu sorriso faz a minha pulsação acelerar. Céus, que sorriso tão sexy. Ligeiramente travesso, e, sempre que o faz, os seus olhos cintilam de humor.

— Já não te deixo nervosa, pois não?

— Não. — Estou a mentir. Ele deixa-me totalmente nervosa. Estamos a falar do John Logan, um dos tipos mais populares da Briar. E eu sou a Grace Ivers, apenas uma entre milhares de raparigas com uma pancada por ele.

O seu olhar volta a viajar sobre mim, um olhar quente e demorado que crepita pela minha pele como corrente elétrica. Desta vez é inegável o interesse nos seus olhos.

Devia avançar?

Devia avançar, não devia?

Aproximar-me mais, ou coisa do género. Beijá-lo. Ou talvez pedir-lhe que me beije? O meu cérebro volta para os meus tempos da escola secundária, a tentar decidir como é que todos aqueles beijos aconteceram, se foi por iniciativa dos rapazes ou se foi um mútuo «sim, vamos beijar-nos». Só que nenhum daqueles beijos foi com rapazes tão lindos como este.

— Queres que me vá embora?

A sua voz rouca sobressalta-me, e percebo que estou há quase um minuto a olhar fixamente para ele sem dizer uma única palavra.

Tenho a boca tão seca que preciso de engolir algumas vezes antes de responder.

— Não. Quero dizer, podes ficar, se quiseres. Podemos ver outra coisa qualquer, ou...

Não consigo terminar a frase, porque ele desliza para mais perto de mim e toca-me na face, e as minhas cordas vocais imobilizam-se ao mesmo tempo que o meu ritmo cardíaco dispara.

O John Logan está a *tocar* na minha cara.

As pontas dos seus dedos são calejadas, arranham-me a pele, e ele cheira tão bem que sinto uma tontura quando inalo o seu *aftershave*.

Acaricia-me ligeiramente a maçã do rosto e eu tenho de me impedir de ronronar como um gato carente de afeto.

— O que é que estás a fazer? — sussurro.

— Bem, tu estavas a olhar para mim como se quisesses que te beijasse. — Os seus olhos azuis semicerram-se. — E eu estava a pensar que podia fazer isso mesmo.

ELE É UM ATLETA TALENTOSO, MAS VAI TER DE MELHORAR MUITO AS SUAS JOGADAS...

John Logan parece levar uma vida perfeita. Com um enorme talento para o hóquei no gelo e um charme aparentemente irresistível, é um dos mais cobiçados alunos da universidade. Mas por trás do sorriso maroto e da aparência descontraída, Logan esconde a angústia de estar apaixonado pela namorada do seu melhor amigo e de saber que, depois de terminar o curso, poderá encontrar-se num beco sem saída.

É então que conhece Grace Ivers, uma rapariga que muda completamente a perspetiva que ele tem da vida. Tudo nela é original e intrigante, e, à medida que se tornam cada vez mais próximos, Logan sente-se feliz pela primeira vez em muito tempo. Até que um grande erro põe a relação em risco.

Agora, se quiser Grace de volta, Logan vai ter de se esforçar... e muito! E não vai ser tarefa fácil...

NÃO PERCA, DA MESMA SÉRIE:

Penguin Random House Grupo Editorial

Romance Erótico

penguinlivros.pt
topseller.editora

ISBN 9789896238223